



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

**JUNHO DE 2019**

# NEWSLETTER

## Observatório das Migrações

### Introdução # 40

Neste mês de junho o [Observatório das Migrações \(OM\)](#) dedica as suas rotinas de trabalho ao tema das **Migrações e Remessas Familiares** para assinalar o [Dia Internacional das Remessas Familiares](#), 16 de junho. Esta data foi proclamada pelas Nações Unidas pela primeira vez em 2015 para homenagear os trabalhadores migrantes e as suas famílias pelo seu esforço e sacrifício que assumem uma contribuição vital para o desenvolvimento das nações.

As remessas dos migrantes são uma das importantes fontes de financiamento externo dos diferentes países, assumindo em alguns Estados montantes anuais que ultrapassam largamente a ajuda pública ao desenvolvimento ou o investimento direto estrangeiro. Portugal, na sua dupla condição de país de emigração e de imigração, apresenta na sua Balança de Pagamentos transações económicas com o resto do mundo, assumindo tanto fluxos de entrada de remessas de emigrantes portugueses para as suas famílias, como fluxos de saída de remessas das suas comunidades imigrantes residentes para vários países do mundo. Portugal continua a ter um saldo muito positivo na relação entre as remessas que entram no país (com origem na emigração portuguesa) e as remessas que saem do país associadas aos imigrantes residentes.

Com esta *newsletter* temática, o OM enquadra algumas perspetivas académicas, revisitando diversos estudos internacionais e nacionais sobre remessas dos migrantes, e destaca sumariamente os principais dados oficiais internacionais e nacionais acerca destas transferências e transações económicas entre países (mais detalhadamente analisados na [Coleção Imigração em Números do OM](#)). Conheça também o [novo Poster Estatístico OM](#) sobre Migrações e Remessas.

Continue a partilhar as suas novidades académicas através do email [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt) e acompanhe-nos no sitio [www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) e na página do Facebook <https://www.facebook.com/observatoriodasmigracoes>

### Principais conteúdos da Newsletter #39

1. Migrações e Remessas Familiares: perspetivas académicas
2. Destaque bibliográfico: Migrações e Remessas Familiares
3. Migrações e Remessas Familiares nas Coleções do OM
4. Destaque Estatístico OM: Fluxos de Remessas no Mundo
5. Destaque Estatístico OM: Impacto das Remessas nos Países da União Europeia
6. Destaque Estatístico OM: Fluxos de Remessas em Portugal



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

## Migrações e Remessas Familiares: perspetivas académicas

### Perspetivas internacionais

Nas últimas décadas identifica-se um interesse crescente sobre o tema das Migrações e Remessas Familiares. Boa parte deste entusiasmo decorre diretamente do próprio crescimento destas transferências e transações económicas, evidentes nas estatísticas internacionais. Há características das remessas que são particularmente interessantes: desde logo, a sua estabilidade, mesmo em conjunturas adversas em que outras fontes de financiamento secam rapidamente. Outro destaque vai para o facto de que ao contrário do crédito ou do investimento direto estrangeiro, as remessas não implicam necessariamente um fluxo de capitais futuro de sentido inverso e volume acrescido ([Mansoor e Quillin, 2006](#)), pelo que tenderão a ser mais conducentes à capitalização dos países de origem a longo termo.

Por outro lado, identifica-se o interesse crescente nas remessas enquanto fator de desenvolvimento e o inseparável corolário de que devem ser promovidas políticas que permitam tirar daí o máximo partido ([Haas, 2005](#), [Mansoor e Quillin 2006](#), [Bakker, 2015](#)). Não é, porém, líquido que as remessas resultem em desenvolvimento, existindo vários fatores conjunturais que condicionam a eficiência das remessas enquanto fator de desenvolvimento.

Em [2007 Hein de Haas](#) produziu um relatório para o Instituto das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social ([UNRISD](#)) no qual reviu a literatura então existente sobre remessas, migrações e desenvolvimento social. Segundo Haas, o debate teórico sobre o potencial contributo das migrações e remessas para o desenvolvimento passou por quatro fases distintas no pós-guerra ([Haas, 2007](#)):

Um **primeiro período**, anterior ao choque petrolífero de 1973, teria sido caracterizado pelo otimismo com o qual os investigadores viam a relação entre imigração e desenvolvimento. A nível político, esperava-se então, segundo o autor, que as transferências de conhecimentos e capitais realizadas pelos migrantes, e ativamente promovidas pelos Estados, ajudassem ao arranque económico dos países em desenvolvimento. Em termos económicos, a então prevalecente perspetiva neoclássica não incorporava a questão das remessas, mas quanto à imigração via-a como um processo conducente à otimização dos fatores de produção para benefício de todos.

Um **segundo período**, entre 1973 e 1990, terá, segundo [Haas](#), sido caracterizado pelo pessimismo com o qual os investigadores viam a relação entre imigração e desenvolvimento. Em termos de contexto histórico, atenda-se que este foi um período de aumento do desemprego, no qual parecia que a era das migrações teria terminado. Nas ciências sociais registava-se então a emergência do paradigma estruturalista, que via as migrações como uma expressão da dependência crescente do mundo em desenvolvimento face a sistemas político-económicos dominados pelos Estados ocidentais. A teoria da dependência, por sua vez, via a migração como causa do subdesenvolvimento, por gerar a remoção de capital humano e a disrupção da vida das comunidades tradicionais, tornando-as passivas e dependentes das remessas. Estas eram aliás criticadas por serem gastas em casas e consumo, por contraste com investimentos produtivos, e desse modo conduzirem à inflação (e.g., [Lim e Simmons, 2015](#); [Démurger e Wang, 2016](#)). Por outro lado, migrações e remessas conduziram também a mudanças nos gostos e padrões de consumo no sentido de



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

serem mais orientados para produtos urbanos e estrangeiros, aumentando a dependência pela importação desses produtos. Contudo, estudos mais recentes mostram que o próprio consumo tem efeitos multiplicadores ao nível do crescimento económico – inclusive por via dos impostos indiretos –, facto que se encontra documentado em estudos do Banco Mundial ([Mansoor e Quillin, 2006](#)).

Outro argumento que emergiu contra, realçou que, como não são os mais pobres a migrar (visto não terem recursos para isso), as migrações e remessas contribuem para o reforço da desigualdade nas comunidades. Estes são apenas alguns exemplos dos argumentos aduzidos pelas publicações desse período e que induziu à perda da ideia de que as migrações seriam uma ferramenta de desenvolvimento.

Embora [Haas](#) condense estes argumentos como prevaletentes até à década de 1990, esta corrente de pensamento tem continuidade (embora já não seja dominante) em alguns trabalhos mais recentes. Há autores que apontam que apesar do inegável crescimento das remessas, este não tem produzido os efeitos expectáveis no crescimento económico (e.g., [Lim e Simmons, 2015](#)). Tal poder-se-á dever a três fatores: antes de mais, ao facto de o crescimento ser em parte uma ilusão produzida por mudanças nos métodos usadas para medir as remessas; mas também às limitações das análises estatísticas mobilizadas; e ainda à associação inevitável das remessas à emigração, que acarreta um decréscimo do PIB ([Clemens e McKenzie, 2018](#)). Neste sentido, as remessas não poderão ser linearmente equiparadas a um auxílio ao desenvolvimento. Outros autores confluem nesta visão da migração e remessas conexas como um espada de dois gumes ao nível do desenvolvimento, sendo que ilustram como as remessas não apenas sinalizam sucesso da parte dos que partiram como também aliviam os constrangimentos económicos dos familiares que permanecem, criando condições que viabilizam a sua própria partida ([Piracha e Saraogi, 2017](#)). Há ainda que considerar a possibilidade das remessas contrariarem ativamente o desenvolvimento por induzirem à expansão de um sector económico particular e ao declínio de outros sectores ([Mansoor e Quillin, 2006](#)). Vários investigadores produziram análises deste possível efeito em contextos nacionais diferentes, tendo chegado a resultados díspares que apontam para que este se identifique na Tunísia ([Chnaina e Makhoulouf, 2015](#)), mas não em Portugal ([Silva, 2014](#)).

Um **terceiro período**, entre 1990 e 2001, é caracterizado pela melhoria da qualidade das pesquisas empíricas, com o desenvolvimento de perspetivas mais aprofundadas, enquanto a nível político persistia o ceticismo e as políticas migratórias se tornavam mais restritivas. [Haas](#) refere o contributo da nova economia das migrações laborais (NELM) que emergiu durante as décadas de 1980 e 1990 no contexto americano em contraponto às teorias neoclássicas, características do primeiro período otimista face às migrações, e estruturalistas, características do período pessimista face às migrações. Ambas estas abordagens pareciam, segundo o autor, demasiado rígidas e deterministas para poderem dar conta de uma realidade complexa como é a das migrações. Uma das grandes inovações deste período terá sido a utilização da família como unidade de análise, o que permitiu perceber estratégias coletivas – nomeadamente em termos de mutualização e difusão do risco – e escolhas que não fariam sentido para um ator individual porque não maximizavam o seu rendimento. [Haas](#) realça a compatibilidade interdisciplinar da NELM com as abordagens relativas aos meios de subsistência desenvolvidas por geógrafos, antropólogos e sociólogos nos anos 70, na medida em que ambas voltam a reconhecer aos migrantes a iniciativa (*agency*) que lhes era negada pelas perspetivas dominantes no período mais pessimista. Combinando as duas abordagens, [Haas](#) identifica a perspetiva da migração como parte de uma *estratégia de subsistência do*



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

4

*agregado familiar* que visa diversificar fontes de rendimento e ultrapassar constrangimentos locais ao desenvolvimento, considerando ainda neste âmbito o efeito da liberdade de escolha e a iniciativa dos indivíduos.

Um **quarto período**, posterior a 2001, tem vindo a ser caracterizado, no campo político, por um aumento das restrições. Estas são contudo impostas de forma seletiva, pois é mostrada tolerância aos imigrantes altamente qualificados e investidores. Enquanto isso, as próprias remessas registaram um aumento notável, o que, depois de anos de relativa obscuridade, fez com que fossem redescobertas como uma potencial fonte de financiamento para o desenvolvimento. A par deste aumento das próprias remessas, intensifica-se também – sobretudo na sequência do capítulo de Ratha no *Global Development Finance 2003* do World Bank – o interesse científico neste assunto. Ratha (2003) destaca o facto de, à época, as remessas dos trabalhadores continuarem a crescer, ainda que os fluxos privados de capitais estivessem então a declinar, o que, associado à sua relativa estabilidade, as tornava uma fonte de financiamento externo cada vez mais importante para vários países em desenvolvimento. Efetivamente, as remessas são **contra cíclicas**, ou seja, as pessoas tentam ajudar mais os seus familiares quando a situação económica do país de origem está difícil (Mansoor e Quillin, 2006; Bettin, Presbitero e Spatafora, 2015). Isto é sobretudo verdade quando os migrantes são recentes (porque, em conformidade com a chamada tese do declínio das remessas, o montante das remessas tende a decrescer ao longo do tempo) (Bettin, Presbitero e Spatafora, 2015). Constata-se pois que as remessas se encontram fraca (Pinho, 2014) ou negativamente (Bettin, Presbitero e Spatafora, 2015) correlacionadas com o desenvolvimento financeiro dos países de origem, o que sugere que estas suprem insuficiências ao nível do crédito (Taylor e Wyatt, 1996; Pinho, 2014; Bettin, Presbitero e Spatafora, 2015). A tese dominante nesta linha de pensamento é que as remessas constituem um significativo apoio ao desenvolvimento do país de origem (e.g., Meyer e Shera, 2017) e ao bem-estar dos familiares que aí permanecem (e.g., Munyegera e Matsumoto, 2016, Markova e Reilly, 2015). Atendendo à eficácia das remessas na redução da pobreza (e.g., Adams e Page, 2003; Mansoor e Quillin, 2006; Azam, Haseeb e Samsudin, 2016), há ainda o argumento que, como tal, devem ser priorizadas ao nível das políticas, se necessário em detrimento da ajuda ao desenvolvimento (Azam, Haseeb e Samsudin, 2016).

Rapoport e Docquier (2005), por sua vez, concluem que a emigração e as remessas associadas têm, na globalidade, um impacto positivo nos países de origem e que a relação entre remessas e desigualdade não é monótona, em termos estatísticos (ou seja, à medida que as remessas crescem a desigualdade não se comporta sempre do mesmo modo). Concluem argumentando que o melhor que os Estados podem fazer para assegurar o bom emprego das remessas é oferecer um clima de investimento estável e propício.

Há também autores que constatarem que as remessas têm impactos positivos nas poupanças privadas, tanto a curto como a longo prazo, para sustentar que é pertinente o desenvolvimento de políticas que atraiam maiores transferências deste tipo (Raza, 2015), tais como a redução dos elevados custos de transação que se lhes encontram associados (Ratha, 2003), sendo que esta recomendação viria a ser enquadrada pela ONU nos *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* nas prioridades globais para a Agenda 2030 (no **objetivo 10**: “Até 2030, reduzir para menos de 3% os custos de transação de remessas dos migrantes e eliminar os mecanismos de remessas com custos superiores a 5%”). A qualidade das políticas pode induzir à cativação das remessas pelos seus recetores para investimentos produtivos e, adicionalmente, a agilização da migração internacional seria um modo crucial (e controverso) de aumentar as remessas (Ratha, 2003).



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

[Markova e Reilly \(2015\)](#) verificam a hipótese de diminuição progressiva das remessas no caso dos indocumentados; e para a existência de uma surpreendente evolução em U das remessas ao longo do tempo no caso dos que têm documentos ([Markova e Reilly, 2015](#)).

Resulta, deste modo, que Haas ([2007](#)) nota que as publicações mais recentes têm vindo a evidenciar tons mais positivos, mas identifica como um risco desta redescoberta a possibilidade de que se generalize a ideia de que este é um assunto novo e se esqueça a investigação das décadas precedentes. Outro risco é, no seu entender, o excessivo focar da atenção nas próprias remessas e nas suas consequências económicas diretas, obscurecendo as **consequências não pecuniárias** (riscos de desigualdade de rendimento, educação, desigualdade de género, natalidade, mortalidade, relações interétnicas, mudança política, ambiente, etc.). Efetivamente, as remessas também terão impacto noutras esferas da vida social que não têm sido tão destacadas na literatura. Um artigo recentemente argumenta, contra a generalidade da pesquisa existente, que as remessas não funcionam sobretudo como garante da estabilidade autoritária, mas sim como recurso mobilizável pelos oponentes aos regimes para aumentar o nível de protesto nas regiões em que a oposição é maioritária ([Escribà-Folch, Meseguer e Wright, 2018](#)). Por outro lado, também há evidências empíricas no sentido de as remessas desempenharem um papel de substituição da segurança social nos países em vias de desenvolvimento que levará a que não haja pressão política para o incremento desta função do Estado nesses países ([Doyle, 2015](#)). Na área da educação, uma publicação muito citada sugere que as remessas terão um grande impacto nas famílias que as recebem ao nível da decisão de não abandonar a escola ([Edwards e Ureta, 2003](#)). Ainda nesta área, é de assinalar a existência de trabalhos mais recentes e apoiados em metodologias quasi-experimentais que se preocupam em potenciar o efeito das remessas ao nível da educação das pessoas que permanecem nos países de origem com o intuito de desenvolver políticas públicas ([Ambler, Aycinena e Yang, 2015](#); [Arcangelis et al., 2015](#)).

[Haas conclui](#) que as remessas não promovem necessariamente uma sociedade de origem mais igualitária, pois a migração é um processo seletivo no qual os mais pobres dos pobres não têm condições para participar. Estando a escrever em 2007, no seu entender a literatura que então existia não permitia a formulação de generalizações sobre o assunto, nomeadamente dada a complexidade do mesmo, que exemplifica mostrando como os resultados variam em função da escala de análise adotada ou do momento do ciclo migratório observado. Reconhece nas migrações e nas remessas o **potencial** de melhorar o bem-estar; de estimular o crescimento económico; e de reduzir a pobreza, direta e indiretamente. Contudo, sustenta, os seus efeitos positivos sobre indicadores de desenvolvimento associados ao rendimento (e.g., PIB *per capita*) não podem fazer esquecer que os seus efeitos nos indicadores de desigualdade e em aspetos não pecuniários são bastante menos estudados. No que respeita ao conjunto das evidências relativas ao impacto das remessas na desigualdade de rendimentos, a conclusão é que não há unanimidade ([Mansoor e Quillin, 2006](#)). As migrações e remessas não são uma panaceia para problemas estruturais e não pode ser-lhes exigido que levem ao arranque de economias que não tenham condições para o investimento ([Haas, 2007](#)).

[Giuliano e Ruiz-Arranz \(2006\)](#) argumentam que apesar da importância crescente das remessas nos fluxos internacionais de capitais, a sua relação com o crescimento económico não foi adequadamente estudada, prevalecendo, sem ser questionada, a ideia de que as remessas são essencialmente solidárias e destinadas a apoiar o consumo dos familiares que permanecem no país de origem. Ao invés, pretendem as autoras, as



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

remessas são predominantemente motivadas pela perspetiva de lucro e crescem face a incentivos e oportunidades de negócio no país de origem. Desse modo, favorecem o crescimento em países com mercados financeiros menos desenvolvidos, nomeadamente constituindo uma forma alternativa de financiar investimentos e ajudando a enfrentar problemas de liquidez ([Giuliano e Ruiz-Arranz, 2006](#)).

Ratha e colaboradores produziram em abril de 2016 um documento do Banco Mundial sobre desenvolvimentos recentes e prospetiva relativa a migrações e remessas ([Ratha et al., 2016a](#)). O mesmo autor principal e uma equipa diferente produziram, também para o Banco Mundial e em 2016, o *Migration and Remittances Factbook 2016* ([Ratha et al., 2016b](#)). Constatam que as remessas cresceram menos de 2014 para 2015 (0,4%) do que no ano anterior (3,2%), o que atribuem sobretudo à fraca performance económica dos principais países donde as remessas partem. Projetam, contudo, crescimentos na ordem dos 4% anuais para os próximos anos ([Ratha et al., 2016a](#)). Os autores mostram que o volume de remessas para os países em desenvolvimento é três vezes superior ao dos fluxos de ajuda ao desenvolvimento oficiais, assumindo que esta observação se baseia apenas em números oficiais, pois a dimensão real das remessas, incluindo fluxos não registados através de canais formais e informais, será significativamente maior ([Ratha et al., 2016b](#)). Os custos de transação associados às remessas continuam a sua tendência longa de declínio, cifrando-se em 7,4% em termos globais no último trimestre de 2014 ([Ratha et al., 2016a](#)). Ainda assim, estão muito além do objetivo de 3% estabelecido pela ONU nos recentemente aprovados *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*, sendo a situação particularmente grave na África subsaariana e nos estados insulares do Pacífico ([Ratha et al., 2016b](#)). Os referidos *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*, notam, incluem também o assegurar de migrações seguras, ordeiras e regulares, o que deverá favorecer as remessas. Outro ponto que preocupa os autores são as alterações ambientais e o consequente aumento de desastres, para o qual não há planos de contingência adequados relativos às migrações que daí resultarão e que podem também perturbar a infraestrutura de transferência de fundos ([Ratha et al., 2016a](#)).

## Estudos sobre Portugal

Em Portugal, a principal fonte de informação sobre remessas são as *Estatísticas da Balança de Pagamentos* do Banco de Portugal, que o Observatório das Migrações tem analisado na sua Coleção *Imigração em Números* (Oliveira e Gomes [2014](#), [2016](#), 2017 e [2018](#)).

Ao nível nacional, o tema das Remessas Familiares foi abordado num inquérito de grande escala publicado na Coleção *Portugal Imigrante* deste Observatório. O inquérito aplicado em 2011, a 5.673 imigrantes residentes nos vários municípios de Portugal, confirmou a tese do declínio do envio de remessas por imigrantes à medida que aumentam os anos da migração e de residência em Portugal ([Malheiros e Esteves, 2013: 241](#)): 55% dos inquiridos dizem que costumam enviar remessas, sendo que esta percentagem tende a decair à medida que os imigrantes se encontram no país há mais tempo (em imigrantes residentes em Portugal há mais de 30 anos essa percentagem desce para menos de metade). Os autores identificaram também uma ligeira quebra na saída de remessas entre 2008-2010, refletindo os efeitos da crise económica e financeira que atravessou o país, e que conduziu ao aumento do desemprego entre a população imigrante, sobretudo homens sobre representados nos setores económicos mais afetados pela crise ([Malheiros e Esteves, 2013: 240](#)).



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

É também de destacar a realização em [2004](#) de um inquérito por questionário pioneiro junto de clientes do Banco do Brasil em Lisboa, Cascais, Almada e Porto (Rossi, [2004](#)). Os dados permitem traçar uma carreira migratória e remissiva tipo que passa no início pelo envio de boa parte do ordenado para o Brasil com o objetivo sobretudo de ajudar a família, nomeadamente cobrindo gastos com alimentação, renda e necessidades básicas, mas também de poupança e pagamento de dívidas. Os dados mostram ainda que, ao longo da permanência em Portugal, se regista uma tendência para a diminuição das remessas que têm por objetivo pagar dívidas e, correlativamente, para o aumento das remessas que têm por objetivo ajudar a família. A regularidade das remessas e a proporção do ordenado que lhes é consignada também decaem ao longo da carreira migratória.

Ao revisitar o tema em 2007, Rossi reconhece que o mercado informal é responsável por uma parte grande mas não quantificável das remessas, o que tem por consequência que os valores oficiais sejam sempre estimativas por defeito do volume real dos fluxos (Rossi, [2007](#)). Nesse sentido é de notar que Peixoto e Marques ([2006](#)) estimam que o montante das remessas reais de Portugal para o Brasil possa ser 156% do registado pelo Banco de Portugal. O tema das remessas é, pois, de estudo difícil devido à informalidade de muitos dos canais de envio de remessas familiares, nomeadamente por reação a custos de transação elevados e a eventuais questões de confiança. Outro exemplo da caracterização da informalidade de alguns dos mecanismos de remessas familiares é o que nos é dado pelos estudos de Grassi sobre “rabidantes” (mulheres que empreendem viagens comerciais cíclicas entre Cabo Verde e os países da diáspora), no contexto dos quais a autora faz notar que “Há entre os entrevistados quem fale da sua atividade de comércio com Cabo Verde como uma forma de remessa social alternativa ao envio de dinheiro para os membros da família que lá ficaram” (Grassi, [2007: 49](#)).

[Rossi](#) observa também que durante as crises as remessas se mantêm, apesar da retração dos demais fluxos de capitais, pelo que podem ser de extrema importância para a economia dos países receptores (neste caso, o Brasil), na medida em que reduzem o impacto das flutuações económicas, às quais os outros fluxos de capitais são mais vulneráveis ([Rossi, 2007](#)).

Num estudo promovido por este Observatório ([Estudo OM 27](#)), Tolentino e colaboradores ([2008](#)) analisaram as remessas de Portugal para Cabo Verde, entrevistando tanto os imigrantes em Portugal como os beneficiários das remessas em Cabo Verde. Apuraram que as remessas se destinam cada vez mais à poupança e ao investimento, inclusive em capital humano através da educação. O estudo também corrobora a ideia, levantada por outras investigações, de que os custos das transações são elevados e desincentivam as remessas pelos canais formais. Também estes autores concluem que as remessas são um tipo de fluxo financeiro mais regular, o que é benéfico para a economia. Por fim, as remessas facilitam a mudança social, sendo em particular de destacar o papel das migrantes. Aliás, é do mesmo ano um artigo de Wall e colaboradoras ([2008](#)) no qual as investigadoras reconhecem que a par da feminização das migrações se tem também assistido a uma feminização das remessas.

Tinajero ([2010](#)) realizou também para a Organização Internacional das Migrações (OIM) um estudo sobre o impacto das remessas dos angolanos emigrados na África do Sul e em Portugal, realizando questionários em Angola, Portugal e na África do Sul. A autora observa que o impacto das remessas depende muito das



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

oportunidades oferecidas pelos enquadramentos legais e políticos dos países de origem. Por essa razão, o objetivo do seu estudo foi precisamente compreender as particularidades do sistema angolano, de forma a otimizar o potencial das remessas para o desenvolvimento. Conclui, em consonância com outras pesquisas, que as famílias que recebem remessas não são extremamente pobres ou vulneráveis, embora as remessas sejam, para muitas dessas famílias, uma parte considerável do seu rendimento mensal. Também a tese do progressivo declínio das remessas encontra apoio neste estudo, que observa que tendem a diminuir ao longo do tempo e a sua longevidade raramente excede os dez anos. Os dados confirmam também a importância de canais informais, nomeadamente portadores, a par das agências formais de transferência de dinheiro. Quanto ao uso que é dado às remessas, a autora observa que estas têm ajudado a melhorar a segurança alimentar da maioria das famílias e as oportunidades educacionais dos jovens, em particular os do sexo masculino. Tinajero recomenda que sejam feitos esforços por criar um clima de confiança entre os angolanos da diáspora e o Estado, que se continue a melhorar as condições para o investimento em Angola, e que se procure baixar os custos de transação associados às transferências.





[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

## Destaque bibliográfico: Migrações e Remessas Familiares

A bibliografia que se segue, sem pretensão de exaustividade, ilustra bem como o tema das migrações e remessas tem sido analisado em Portugal e internacionalmente. Se conhecer outras referências relevantes, por favor não deixe de partilhá-las connosco através do email [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt).

### Artigos e capítulos de livros

- [ADAMS, R. H. \(1989\), "Worker remittances and inequality in rural Egypt", \*Economic Development and Cultural Change\*, 38\(1\), pp. 45-71.](#)
- [ADAMS, R. H. \(1998\), "Remittances, investment, and rural asset accumulation in Pakistan", \*Economic Development and Cultural Change\*, 47\(1\), pp. 155-173.](#)
- [ADAMS, R. H., e PAGE, J. \(2003\), "International migration, remittances, and poverty in developing countries", World Bank Policy Research Working Paper 3179.](#)
- [ADAMS, R. H. \(2004\), "Remittances and poverty in Guatemala", World Bank Policy Research Working Paper 3418.](#)
- [ADAMS, R., LOPEZ-FELDMAN, A., MORA, J., TAYLOR, J. E., DEWIND, J., e HOLDAWAY, J. \(2008\), "Remittances, inequality and poverty: Evidence from rural Mexico", in DEWIND, J., e HOLDAWAY, J. \(eds.\) \*Migration and Development within and Across Borders: Research and Policy Perspectives on Internal and International Migration\*. Genebra e Nova Iorque: OIM e SSR.](#)
- [AMBLER, K., AYCINENA, D., e YANG, D. \(2015\), "Channeling remittances to education: a field experiment among migrants from El Salvador", \*American Economic Journal: Applied Economics\*, 7\(2\), 207-32.](#)
- [AMUEDO-DORANTES, C., e POZO, S. \(2006\), "Migration, remittances, and male and female employment patterns", \*American Economic Review\*, 96\(2\), pp. 222-226.](#)
- [ARCANGELIS, G., JOXHE, M., MCKENZIE, D., TIONGSON, E., e YANG, D. \(2015\), "Directing remittances to education with soft and hard commitments: evidence from a lab-in-the-field experiment and new product take-up among Filipino migrants in Rome", \*Journal of Economic Behavior & Organization\*, 111, pp. 197-208.](#)
- [AZAM, J. P., e GUBERT, F. \(2006\), "Migrants' remittances and the household in Africa: a review of evidence", \*Journal of African Economies\*, 15\(suppl 2\), pp. 426-462.](#)
- [AZAM, M., HASEEB, M., e SAMSUDIN, S. \(2016\), "The impact of foreign remittances on poverty alleviation: Global evidence", \*Economics & Sociology\*, 9\(1\), pp. 264-281.](#)
- [BAKKER, M. \(2015\), "Discursive representations and policy mobility: how migrant remittances became a 'development tool'", \*Global Networks\*, 15\(1\), pp. 21-42.](#)
- [BETTIN, G., PRESBITERO, A. F., e SPATAFORA, N. L. \(2015\), "Remittances and vulnerability in developing countries", \*The World Bank Economic Review\*, 31\(1\), pp. 1-23.](#)
- [CASTAÑEDA, E., e BUCK, L. \(2011\), "Remittances, transnational parenting, and the children left behind: Economic and psychological implications", \*The Latin Americanist\*, 55\(4\), pp. 85-110.](#)
- [CATRINESCU, N., LEON-LEDESMA, M., PIRACHA, M., e QUILLIN, B. \(2009\), "Remittances, institutions, and economic growth", \*World Development\*, 37\(1\), pp. 81-92.](#)
- [CHNAINA, K., e MAKHLOUF, F. \(2015\), "Impact des transferts de fonds sur le taux de change réel effectif en Tunisie", \*African Development Review\*, 27\(2\), pp. 145-160.](#)



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

- [CLEMENS, M. A., e MCKENZIE, D. \(2018\), "Why don't remittances appear to affect growth?", \*The Economic Journal\*, 128\(612\), F179-F209.](#)
- [COHEN, J. H. \(2005\), "Remittance outcomes and migration: Theoretical contests, real opportunities", \*Studies in Comparative International Development\*, 40\(1\), pp. 88-112.](#)
- [COHEN, J. H. \(2011\), "Migration, remittances, and household strategies", \*Annual Review of Anthropology\*, 40, pp. 103-114.](#)
- [DÉMURGER, S., e WANG, X. \(2016\), "Remittances and expenditure patterns of the left behinds in rural China", \*China Economic Review\*, 37, pp. 177-190.](#)
- [DOYLE, D. \(2015\), "Remittances and social spending", \*American Political Science Review\*, 109\(4\), pp. 785-802.](#)
- [EDWARDS, A. C., e URETA, M. \(2003\), "International migration, remittances, and schooling: evidence from El Salvador", \*Journal of Development Economics\*, 72\(2\), pp. 429-461.](#)
- [ESCRIBÀ-FOLCH, A., MESEGUER, C., e WRIGHT, J. \(2018\), "Remittances and protest in dictatorships", \*American Journal of Political Science\*, 62\(4\), pp. 889-904.](#)
- [GIULIANO, P., RUIZ-ARRANZ, M. \(2006\), "Remittances, financial development, and growth", IZA Discussion Papers, No. 2160.](#)
- [DE HAAN, A. \(2002\), "Migration and livelihoods in historical perspective: A case study of Bihar, India", \*Journal of Development Studies\*, 38\(5\), pp. 115-142.](#)
- [HAAS, H. D. \(2005\), "International migration, remittances and development: myths and facts", \*Third World Quarterly\*, 26\(8\), pp. 1269-1284.](#)
- [HAAS, H. D. \(2007\), "Remittances, Migration and social development. A Conceptual Review of the Literature", Social Policy and Development Programme Paper, \(34\), United Nations Research Institute for Social Development.](#)
- [LACHAUD, J. P. \(1999\), "Envois de fonds, inégalité et pauvreté au Burkina Faso", \*Revue Tiers Monde\*, 40\(160\), pp. 793-827.](#)
- [LEÓN-LEDESMA, M., e PIRACHA, M. \(2004\), "International migration and the role of remittances in Eastern Europe", \*International Migration\*, pp. 42\(4\), pp. 65-83.](#)
- [LIANOS, T. P. \(1997\), "Factors determining migrant remittances: The case of Greece", \*International Migration Review\*, 31\(1\), pp. 72-87.](#)
- [LIM, S., e SIMMONS, W. O. \(2015\), "Do remittances promote economic growth in the Caribbean Community and Common Market?", \*Journal of Economics and Business\*, 77, pp. 42-59.](#)
- [MALHEIROS, J. M., e ESTEVES, A. \(2013\), "Remessas financeiras dos imigrantes", \*Diagnóstico da População Imigrante em Portugal: Desafios e potencialidades\*, Coleção Portugal Imigrante do Observatório da Imigração, Lisboa: ACIDI, pp. 240-246.](#)
- [MARKOVA, E., e REILLY, B. \(2015\), "Bulgarian migrant remittances and legal status: Some micro-level evidence from Madrid", \*South-Eastern Europe Journal of Economics\*, 5\(1\), pp. 55-69.](#)
- [MARTES, A. C. B., e WEBER, S. \(2006\), "Remessas de recursos dos imigrantes", \*Estudos Avançados\*, 20\(57\), pp. 41-54.](#)
- [MATOS, J. C. \(2006\), "Significado Estatístico das Remessas de Emigrantes e de Imigrantes em Portugal", Lisboa, Departamento de Estatísticas do Banco de Portugal](#)
- [MCKENZIE, S., e MENJÍVAR, C. \(2011\), "The meanings of migration, remittances and gifts: views of Honduran women who stay", \*Global Networks\*, 11\(1\), pp. 63-81.](#)



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

- [MEYER, D., e SHERA, A. \(2017\), "The impact of remittances on economic growth: An econometric model", \*Economía\*, 18\(2\), pp. 147-155.](#)
- [MUNYEGERA, G. K., e MATSUMOTO, T. \(2016\), "Mobile money, remittances, and household welfare: panel evidence from rural Uganda", \*World Development\*, 79, pp. 127-137.](#)
- [OLIVEIRA, C. R. \(coord.\) e GOMES, N. \(2014\), "Remessas", in Monitorizar a integração de Imigrantes em Portugal. Relatório Estatístico Decenal, Coleção Imigração em Números do Observatório das Migrações, Lisboa: ACM, pp. 209-212.](#)
- [OLIVEIRA, C. R. \(coord.\) e GOMES, N. \(2016\), "Migrações e Remessas", Indicadores de Integração de Imigrantes. Relatório Estatístico Anual 2016, Coleção Imigração em Números do Observatório das Migrações, Lisboa: ACM, pp. 175-178.](#)
- [OLIVEIRA, C. R. \(coord.\) e GOMES, N. \(2017\), "Migrações e Remessas", Indicadores de Integração de Imigrantes. Relatório Estatístico Anual 2017, Coleção Imigração em Números do Observatório das Migrações, Lisboa: ACM, pp. 257-262.](#)
- [OLIVEIRA, C. R. \(coord.\) e GOMES, N. \(2018\), "Migrações e Remessas", Indicadores de Integração de Imigrantes. Relatório Estatístico Anual 2018, Coleção Imigração em Números do Observatório das Migrações, Lisboa: ACM, pp. 295-302.](#)
- [PIRACHA, M., e SARAOGI, A. \(2017\), "Remittances and migration intentions of the left-behind", \*Migration and Development\*, 6\(1\), pp. 102-122.](#)
- [RAPOPORT, H., e DOCQUIER, F. \(2005\), "The Economics of Migrants? Remittances", IZA Discussion paper series, No. 1531.](#)
- [RATHA, D. \(2003\), "Workers' remittances: an important and stable source of external development finance", in WORLD BANK Global Development Finance 2003, pp. 157-175.](#)
- [RAZA, S. A. \(2015\), "Foreign direct investment, workers' remittances and private saving in Pakistan: an ARDL bound testing approach", \*Journal of Business Economics and Management\*, 16\(6\), pp. 1216-1234.](#)
- [ROSSI, P. L. \(2004\), "Remessas de imigrantes brasileiros em Portugal: Inquérito por amostragem a imigrantes brasileiros em Lisboa, Porto e Setúbal", Socius Working Papers n.º 10/2004.](#)
- [ROSSI, P. \(2007\), "Remessas de imigrantes: estudo de caso de brasileiros em Portugal", in MALHEIROS, J. M. \(org.\), Imigração Brasileira em Portugal, Coleção Comunidades, Observatório da Imigração, Lisboa: ACIDI, pp. 135-153.](#)
- [SANA, M., e MASSEY, D. S. \(2005\), "Household composition, family migration, and community context: Migrant remittances in four countries", \*Social Science Quarterly\*, 86\(2\), pp. 509-528.](#)
- [SOFRANKO, A. J., e IDRIS, K. \(1999\), "Use of Overseas Migrants' Remittances to the Extended Family for Business Investment: A Research Note", \*Rural Sociology\*, 64\(3\), pp. 464-481.](#)
- [STARK, O., e LUCAS, R. E. \(1988\), "Migration, remittances, and the family", \*Economic Development and Cultural Change\*, 36\(3\), pp. 465-481.](#)
- [STRAUBHAAR, T. \(1986\), "The Determinants of Workers' Remittances: The Case of Turkey", \*World Economic Archive\*, 122\(4\), pp. 728-740.](#)
- [RAHMAN, M. M., e FEE, L. K. \(2012\), "Towards a sociology of migrant remittances in Asia: Conceptual and methodological challenges", \*Journal of Ethnic and Migration Studies\*, 38\(4\), pp. 689-706.](#)
- [ROSÁRIO, E., e SANTOS, T. \(2008\), "Transferências Internacionais/Remessas", in \*Quanto Custa Ser Imigrante?\*, Volume 26 da Coleção de Estudos do Observatório das Migrações, Lisboa: ACIDI, IP, pp. 67-74.](#)



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

[SIMON, G. \(1984\), "Les transferts de revenus des travailleurs maghrébins vers leur pays d'origine: essai d'évaluation", \*Etudes Méditerranéennes\*, \(6\), 11-34.](#)

[TAYLOR, J. E., e WYATT, T. J. \(1996\), "The shadow value of migrant remittances, income and inequality in a household-farm economy", \*The Journal of Development Studies\*, 32\(6\), pp. 899-912.](#)

[TOLENTINO, N. C. \(2009\), "Migrações, remessas e desenvolvimento: o caso africano", \*Socius Working Paper 9/2009\*.](#)

ZARATE, G. A. (2002), *The Hidden Benefits of Remittances to Mexico*. draft, State University of New York at Cortland, February. Working Paper, (21), 1985-1990.

### Livros e teses

[ADAMS, R. H. \(1991\), \*The Effects of International Remittances on Poverty, Inequality, and Development in Rural Egypt\*" \(International Food Policy Research Institute Research Report 86\). Washington: IFPRI.](#)

CASTLES, S., DE HAAS, H., e MILLER, M. J. (2014), *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

[CRUZ, Z. M. \(2013\), \*Remessas dos Emigrantes e os Desafios para o Desenvolvimento Local: Caso de Estudo: Santo Antão, Cabo Verde\*. Lisboa: ISCTE \(tese de doutoramento\).](#)

GARSON, J. P., TAPINOS, G. P., e BENNABOU, M. (1981), *L'Argent des Immigrés: Revenus, Épargne et Transferts de Huit Nationalités Immigrées en France* (Les Cahiers de l'INED, n.º 94). Paris: Presses Universitaires de France-PUF.

[PINHO, T. J. D. \(2014\), \*Efeitos Diretos e Indiretos das Remessas de Emigrantes no Crescimento Económico: Um Estudo de Painel Aplicado à Economia Mundial\*. Coimbra: FEUC \(dissertação de mestrado\).](#)

[SILVA, N. J. H. B. \(2014\), \*A Doença Holandesa na Economia Portuguesa: o Papel das Remessas dos Emigrantes e do Investimento Direto Estrangeiro\*. Coimbra: FEUC. \(dissertação de mestrado\)](#)

SOUSA, M. R. (2018), *Impacto das Remessas de Emigrantes nos Países de Origem – O Caso Português*. Porto: FLUP (dissertação de mestrado).

[TOLENTINO, C., ROCHA, C., e TOLENTINO, N. \(2008\), \*Os Impactos das Remessas dos Imigrantes em Portugal 15 no Desenvolvimento de Cabo Verde\*. Volume 27 da Coleção de Estudos do Observatório das Migrações, Lisboa: ACIDI.](#)

### Relatórios internacionais

[MANSOOR, A., e QUILLIN, B. \(2006\), \*Migration and remittances: Eastern Europe and the former Soviet Union\*. The World Bank.](#)

[PEIXOTO, J., e MARQUES, A. V. \(2006\), \*Análise do mercado de remessas: Portugal/Brasil\*. Banco Interamericano de Desenvolvimento.](#)

[RATHA, D., DE, S., PLAZA, S., SCHUETTLER, K., SHAW, W., WYSS, H., e YI, S. \(2016a\), \*Migration and Development Brief April 2016: Migration and Remittances-Recent Developments and Outlook \(Vol. 26\)\*. Washington: World Bank Publications.](#)

[RATHA, D., EIGEN-ZUCCHI, C., e PLAZA, S. \(2016b\), \*Migration and remittances Factbook 2016\*. Washington: World Bank Publications.](#)

TINAJERO, S. P. A. (2010), *Angola: A study of the impact of remittances from Portugal and South Africa*. Genebra: Organização Internacional para as Migrações.



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

## Migrações e Remessas Familiares nas Coleções OM

O Observatório tem vindo a estudar o tema das migrações e remessas familiares, através da publicação de livros e da sistematização e análise de dados estatísticos e administrativos que aqui se destacam:

### Coleção Estudos



**ESTUDO OM 27: A importância e o impacto das remessas dos imigrantes em Portugal no desenvolvimento de Cabo Verde, de André Corsino Tolentino, Carlos Manuel Rocha e Nancy Curado Tolentino, abril de 2008:** O estudo aborda as migrações na regulação da globalização, as causas da mudança de perspetiva que puxou o fenómeno migratório para o primeiro plano das políticas públicas nas últimas três décadas e o estado das remessas e do seu impacto no desenvolvimento. O estudo constitui-se como um esboço de manual para ajudar na construção de um quadro de referência, permitindo avaliar o défice de informação e definir estratégias para o preenchimento das lacunas e o aprimoramento dos mecanismos de recolha, tratamento e registo de dados. Por fim dedica-se às remessas dos imigrantes cabo-verdianos. Também conta como o inquérito em Portugal e Cabo Verde contribuiu para a redução do défice de informação. O estudo termina com um conjunto de conclusões e recomendações como contributo dos autores ao conhecimento da realidade e aprimoramento das políticas públicas e da ação das entidades não estatais ao serviço dos três grandes beneficiários que são o migrante e a sua família, o país de acolhimento e o país de origem. Este estudo do OM pode ser encontrado [aqui](#).

### Coleção Imigração em Números



**“Migrações e remessas”, in Indicadores de integração de imigrantes: relatório estatístico anual 2018, de Catarina Reis Oliveira (coord.) e Natália Gomes, Coleção Imigração em Números do OM, pp. 295-302, dezembro de 2018:** A análise dos dados das remessas dos últimos vinte anos (entre 1996 e 2016), permite retratar sempre saldos muito positivos da relação das remessas que entram e das remessas que saem do país, o que reflete que as remessas que entram no país (dos emigrantes portugueses) suplantam as que saem do país (dos imigrantes residentes em Portugal), representando em 2016 um saldo de +2.809,3



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

milhões de euros que sobe em 2017 para um saldo de +3.036,5 milhões de euros. As remessas dos imigrantes residentes em Portugal para os seus países de origem tiveram uma evolução muito positiva desde a viragem do século, tendo atingido o seu pico em 2006, ano em que totalizaram 609,8 milhões de euros. Desde então as remessas dos imigrantes tenderam a descer, apresentando sinais de recuperação de 2015 para 2016, de 522,6 milhões de euros para 533,9 milhões de euros, respetivamente, embora se observe uma nova descida em 2017 para 518,2 milhões de euros. Relatório disponível [aqui](#).



**“Migrações e remessas”, in *Indicadores de integração de imigrantes: relatório estatístico anual 2017*, de Catarina Reis Oliveira (coord.) e Natália Gomes, Coleção Imigração em Números do OM, pp. 257-262, dezembro de 2017:** Portugal continua a ser um país com uma diáspora emigrante importante e ativa no envio de remessas, suplantando muito as remessas que entram no país (dos emigrantes portugueses) face às remessas que saem do país (dos imigrantes residentes em Portugal), representando em 2016 um saldo de +2.809,3 milhões de euros. As remessas dos imigrantes residentes em Portugal para os seus países de origem tiveram uma evolução muito positiva desde a viragem do século, tendo atingido o seu pico em 2006, ano em que totalizaram 609,8 milhões de euros. Desde então as remessas dos imigrantes tenderam a descer, apresentando sinais de recuperação de 2015 para 2016, de 522,6 milhões de euros para 533,9 milhões de euros, respetivamente. Relatório disponível [aqui](#).



**“Migrações e remessas”, in *Indicadores de integração de imigrantes: relatório estatístico anual 2016*, de Catarina Reis Oliveira (coord.) e Natália Gomes, Coleção Imigração em Números do OM, pp. 175-178, outubro de 2016:** Mantendo a tendência dos últimos anos de diminuição das remessas de imigrantes, em 2014 o montante global das remessas de imigrantes para os países de origem fixou-se nos 535 milhões de euros, menos 3,8% face ao ano anterior e menos 8,7% face ao início desta década. Mantém-se em 2014 os principais países de destino, por ordem de importância, das remessas de imigrantes: o Brasil (47,7%), China (13,7%), França (3,5%), Ucrânia (3,2%), Roménia (2,9%), Espanha e Angola (2,6%) e Cabo Verde (2,7%), refletindo as populações numericamente mais representadas no país. Portugal continua também a ter um saldo positivo na relação entre as remessas que entram no país (com origem na emigração portuguesa) face às remessas que saem da imigração residente no país. Em 2014 o saldo foi positivo em 2.525,9 milhões



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

de euros (+2,6% face ao ano anterior e +36,7% face ao início da década), refletindo que Portugal continua a ser também um país de emigração. Relatório disponível [aqui](#).

15



**“Remessas”, in *Monitorizar a integração de imigrantes em Portugal: relatório estatístico decenal, de Catarina Reis Oliveira (coord.) e Natália Gomes, Coleção Imigração em números do OM, pp. 209-212, dezembro de 2014***: Relativamente à evolução global das remessas de imigrantes na última década, os dados mostram que estas registaram um aumento significativo no período entre 2000 e 2006 – as remessas triplicaram, passando de 189 milhões de euros, em 2000, para 610 milhões de euros em 2006 (ano em que se atinge o pico da década em análise). Nos últimos anos interrompeu-se esta trajetória de crescimento, refletindo a crise económica e a redução do número de residentes estrangeiros no país. Em 2012 o montante global das remessas de imigrantes para os países de origem fixou-se nos 526 milhões de euros, constatando-se que os principais países de destino são, por ordem de importância: o Brasil (42,9%), Ucrânia (7,4%), França (3,8%), Espanha, Roménia e Angola (2,9%) e Cabo Verde (2,7%). Quando se comparam os dados de 2000 com os dados de 2012, sobressaem algumas alterações, verificando-se o crescimento das remessas com destino à Ucrânia (+37 milhões de euros), Brasil (+192 milhões) e Roménia (+11 milhões). Para estes resultados muito contribui o significativo aumento dos residentes de nacionalidade brasileira, ucraniana e romena entre os Censos 2001 e 2011. Relatório disponível [aqui](#).



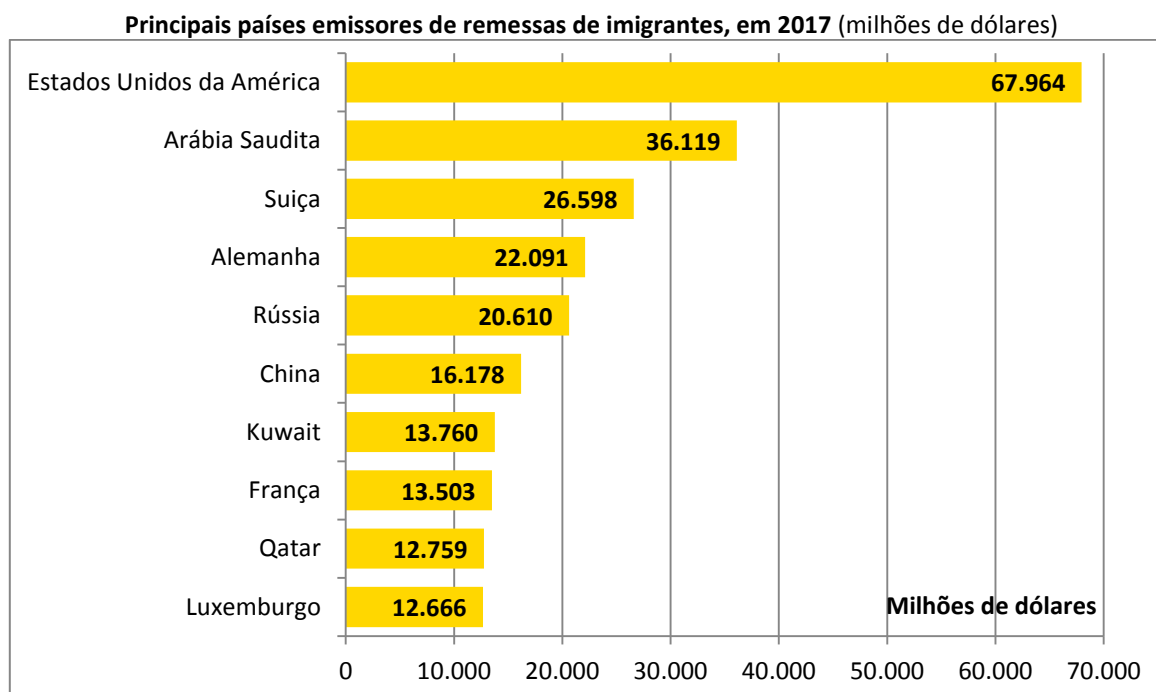
[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

## Destaque Estatístico OM: Fluxos de Remessas no Mundo

**Sabia que** são os principais destinos de imigrantes no Mundo que se destacam como emissores de remessas? **E sabia que** é nos principais países de origem de imigrantes onde a receção de remessas assume maior impacto no PIB?

Adaptado do subcapítulo 14. “Migrações e Remessas”, de C. R. Oliveira e N. Gomes (2018), [Indicadores de Integração de Imigrantes 2018. Relatório Estatístico Anual](#), Coleção *Imigração em Números* do OM, pp. 295-302.

Segundo dados disseminados pelo Banco Mundial, baseados nas Estatísticas da Balança de Pagamentos do FMI (Fundo Monetário Internacional), em 2017 os dez principais **países emissores de remessas** (de imigrantes residentes para os seus países de origem) foram: em primeiro lugar, os Estados Unidos da América (67.964 milhões de dólares em 2017), seguido da Arábia Saudita (36.119 milhões de dólares), da Suíça (26.598), da Alemanha (22.091), da Rússia (20.610), da China (16.178), do Kuwait (13.760), da França (13.503 milhões de dólares), do Qatar (12.759 milhões de dólares) e do Luxemburgo (12.666 milhões de dólares). Portugal está bastante longe deste universo de países (com apenas cerca de 381 milhões de dólares de saída de remessas), refletindo que o país continua a não se posicionar entre os principais destinos de imigração ([Oliveira e Gomes, 2018: 295](#)).



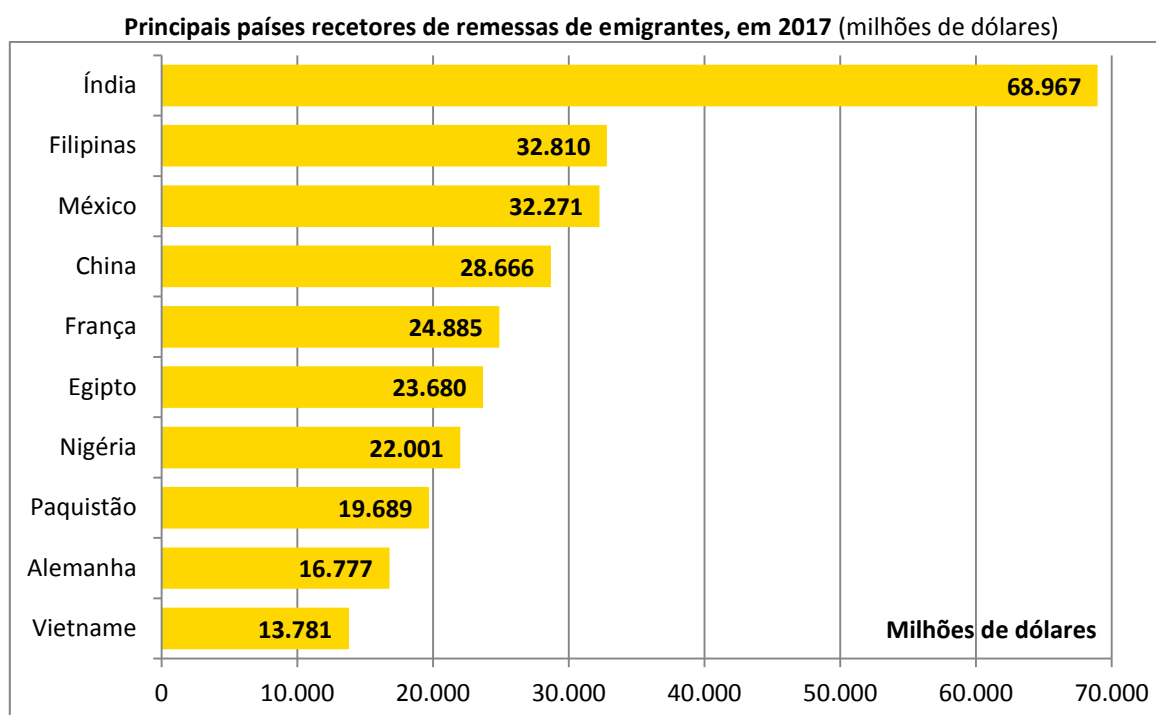
Fonte: Observatório das Migrações (C.R. Oliveira e N. Gomes, 2018, [Indicadores de Integração de Imigrantes 2018. Relatório Estatístico Anual](#). Coleção *Imigração em Números OM*, p.295), a partir de dados do [Banco Mundial, Estatísticas da Balança de Pagamentos do FMI](#).





[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

Em contraponto, segundo a mesma fonte, nos fluxos de entrada de remessas (**recetores de remessas**) destacam-se os países com a maior diáspora no mundo: em primeiro lugar a Índia (em 2017 recebeu 68.967 milhões de dólares de remessas dos seus emigrantes), seguida das Filipinas (32.810 milhões de dólares), México (32.271 milhões de dólares), China (28.666 milhões de dólares), França (24.885 milhões de dólares), Egito (23.680 milhões de dólares), Nigéria (22.001 milhões de dólares), Paquistão (19.689 milhões de dólares), Alemanha (16.777 milhões de dólares) e Vietname (13.781 milhões de dólares). Nesta lista de países, o Banco de Portugal reporta que Portugal recebeu cerca de 4.526 milhões de dólares de remessas das suas comunidades emigrantes. Estima-se que o volume de remessas para os países em desenvolvimento seja cerca de três vezes superior ao dos fluxos de ajuda ao desenvolvimento oficiais ([Oliveira e Gomes, 2018: 295](#)).

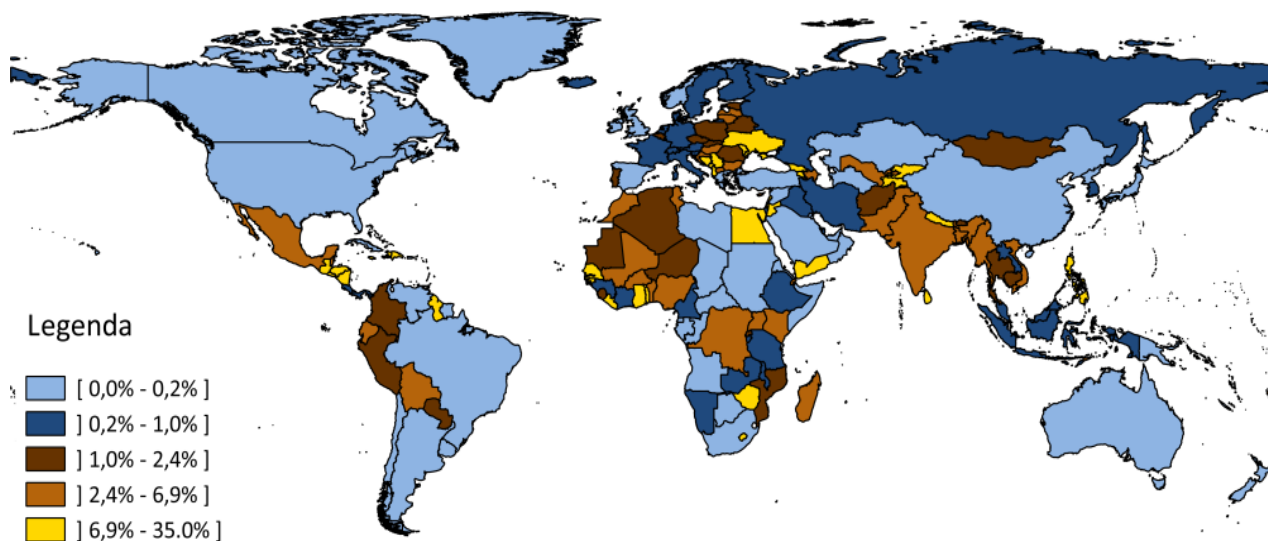


Fonte: Observatório das Migrações (C.R. Oliveira e N. Gomes, 2018, [Indicadores de Integração de Imigrantes 2018. Relatório Estatístico Anual. Coleção Imigração em Números OM](#), p.295), a partir de dados do [Banco Mundial – Estatísticas da Balança de Pagamentos do FMI](#).

Nota-se que **o impacto da entrada de remessas no Produto Interno Bruto (PIB)** é diferente nos vários países do mundo. O mapa retrata a amarelo os países mais dependentes da entrada de remessas: em 2017, Tonga (34,2%), Quirguistão (32,9%), Tajiquistão (31,6%), Haiti (29,2%) e Nepal (28,3%), foram os cinco países com maior percentagem de remessas no seu PIB. Embora a Índia e a China estejam no topo dos países que em 2017 receberam mais remessas das suas comunidades em milhões de dólares, na realidade essas remessas representaram muito pouco no seu PIB (2,7% e 0,2%, respetivamente). Face às nacionalidades de imigrantes mais representadas nos residentes em Portugal, há ainda interesse em destacar desta lista de países a Moldávia (ocupa o 10º lugar dos países com maior percentagem de remessas no valor do PIB em 2017: 20,2%), Cabo Verde (21º lugar, com 12,0% de remessas no PIB), Ucrânia

(10,8%, 29º lugar), Guiné-Bissau (7,7%, 40º lugar), Paquistão (6,5%, o 45º lugar), Bangladesh (5,4% em 51º lugar), São Tomé e Príncipe (4,7%, 55º lugar), e Timor Leste (2,9%, o correspondente ao 68º lugar) ([Oliveira e Gomes, 2018: 295-296](#)).

Remessas recebidas por país do mundo enquanto percentagem do PIB, em 2017 (%)



Fonte: Observatório das Migrações (C.R. Oliveira e N. Gomes, [Indicadores de Integração de Imigrantes 2018. Relatório Estatístico Anual. Coleção Imigração em Números OM](#), p.296), a partir de dados do Banco Mundial – [Estatísticas da Balança de Pagamentos do FMI e dos Bancos Centrais de cada país](#), e Banco de Portugal.

Nesta lista de países, Portugal assume o 99º lugar no mundo quanto às remessas recebidas por percentagem do seu PIB.



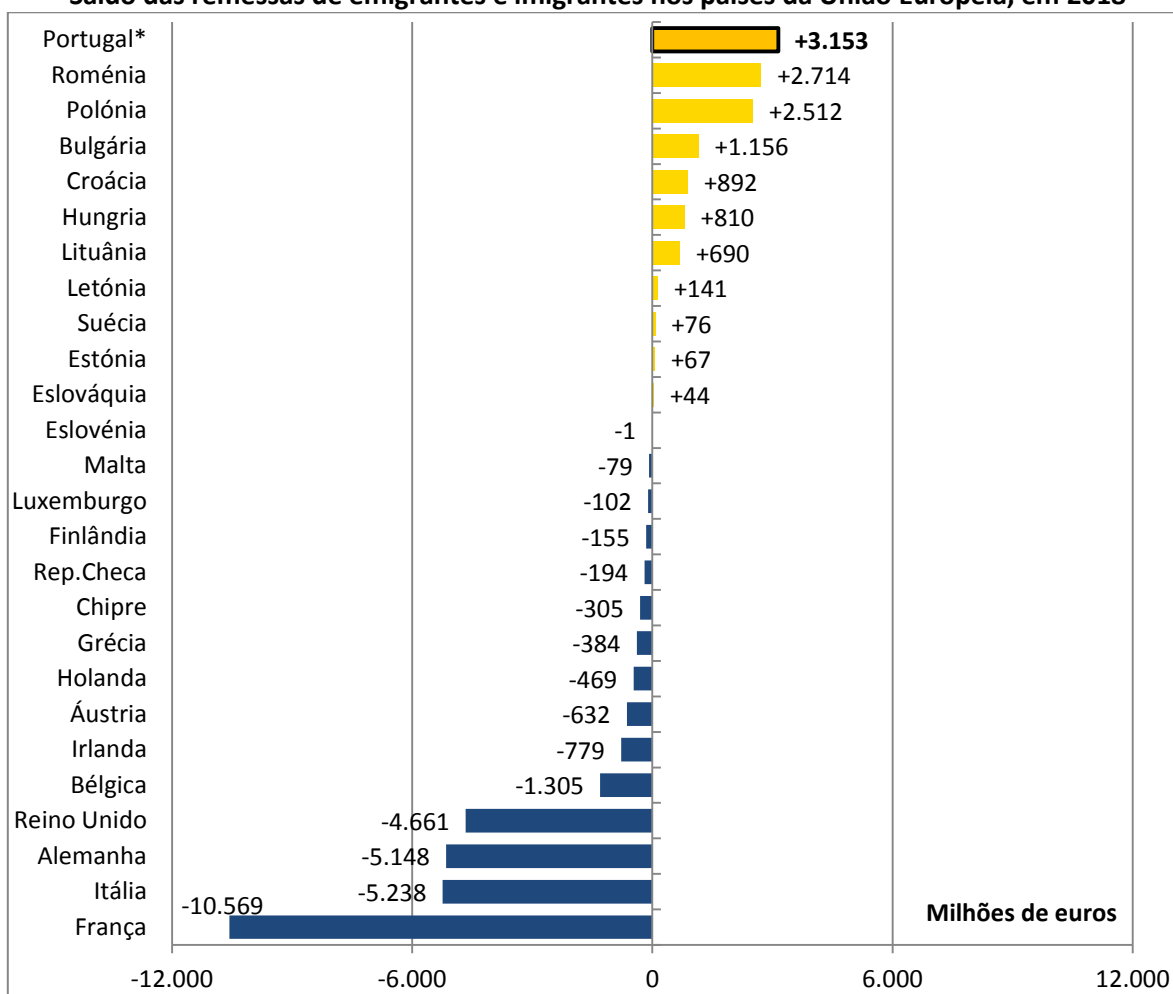
[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

## Destaque Estatístico OM: Impacto das Remessas nos países da União Europeia

**Sabia que** no contexto dos países da União Europeia, Portugal se destaca com o maior saldo de remessas, refletindo que o país continua a ter uma diáspora emigrante importante e ativa no envio de remessas?

Adaptado do subcapítulo 14. “Migrações e Remessas”, de C. R. Oliveira e N. Gomes (2018), [Indicadores de Integração de Imigrantes 2018. Relatório Estatístico Anual](#), Coleção *Imigração em Números* do OM, pp. 295-302.

**Saldo das remessas de emigrantes e imigrantes nos países da União Europeia, em 2018**



Fonte: Observatório das Migrações (C.R. Oliveira e N. Gomes, 2019)

[Indicadores de Integração de Imigrantes 2019. Relatório Estatístico Anual. Coleção Imigração em Números OM](#)), a partir de dados do EUROSTAT. Notas: \*Os dados referem-se apenas às remessas dos trabalhadores.

Os dados do **saldo das remessas de emigrantes e de imigrantes** (diferença entre as remessas que entram e as remessas que saem dos países) nos diferentes países da União Europeia colocam Portugal em destaque

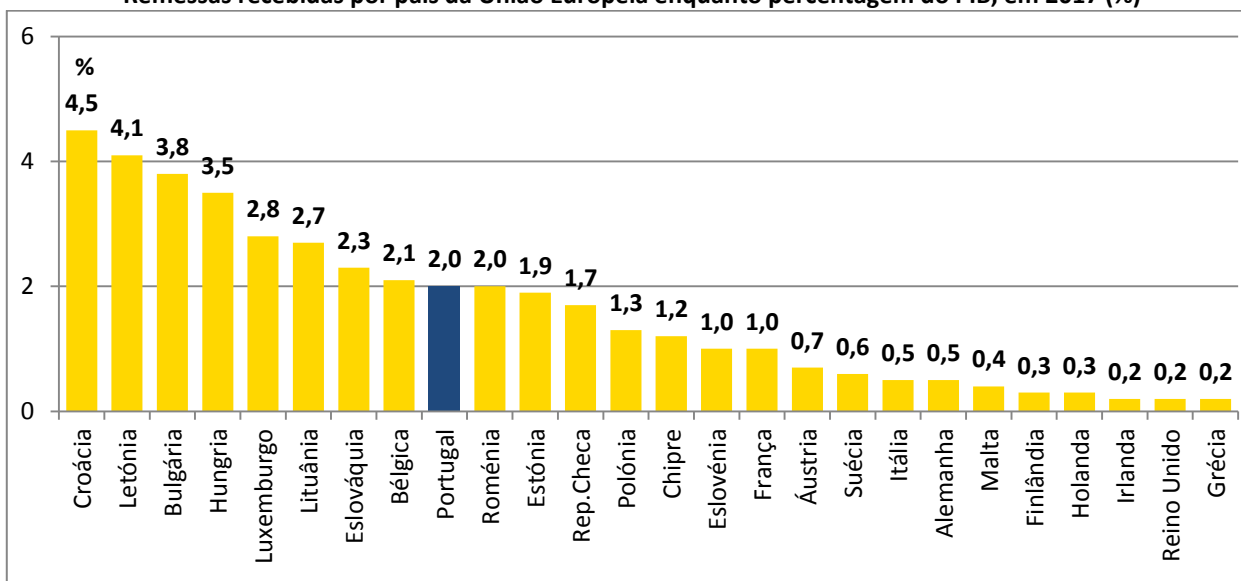


[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

como o país da União Europeia com um saldo mais positivo. Em 2018 **Portugal foi o país da União Europeia com maior saldo das suas remessas** (+3.153 milhões de euros), posição que já assumia em 2017, ficando à frente dos restantes dez países com saldos positivos. Este grupo de países de saldo positivo retrata os principais países da União Europeia com uma emigração mais expressiva que a imigração: Roménia (+2.714 milhões de euros), Polónia (+2.512 milhões de euros), Bulgária (+1.156 milhões de euros), Croácia (+892 milhões de euros), Hungria (+810), Lituânia (+690), Letónia (+141), Suécia (+76), Estónia (+67) e Eslováquia (+44). Por contraste, em 2018, os países da União Europeia com saldos mais negativos nas suas remessas, ou seja, com mais saída de remessas dos seus imigrantes residentes que entrada de remessas dos seus emigrantes, foi a França (-10.569 milhões de euros), seguida da Itália (-5238 milhões de euros), da Alemanha (-5.148 milhões de euros) e do Reino Unido (-4.661 milhões de euros), assumindo-se também como os principais países da União Europeia com mais população imigrante no total dos seus residentes.

O impacto das remessas recebidas pelos vários países europeus no seu PIB mostra ainda outras tendências. Em 2017, nos países da União Europeia, Portugal ocupava o nono lugar representando a entrada de remessas no país apenas 2% do seu PIB. Entre os países da União Europeia foi na Croácia (4,5%), na Letónia (4,1%), Bulgária (3,8%) e Hungria (3,5%) que as remessas representaram maior percentagem do PIB, seguindo-se o Luxemburgo (2,8%), a Lituânia (2,7%), a Eslováquia (2,3%) e a Bélgica (2,1%).

**Remessas recebidas por país da União Europeia enquanto percentagem do PIB, em 2017 (%)**



Fonte: Observatório das Migrações (C.R. Oliveira e N. Gomes, 2018)

[Indicadores de Integração de Imigrantes 2018. Relatório Estatístico Anual. Coleção Imigração em Números OM](#), p.296) a partir de dados do EUROSTAT. // Nota: Dados indisponíveis para Espanha, Dinamarca e Suíça.



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

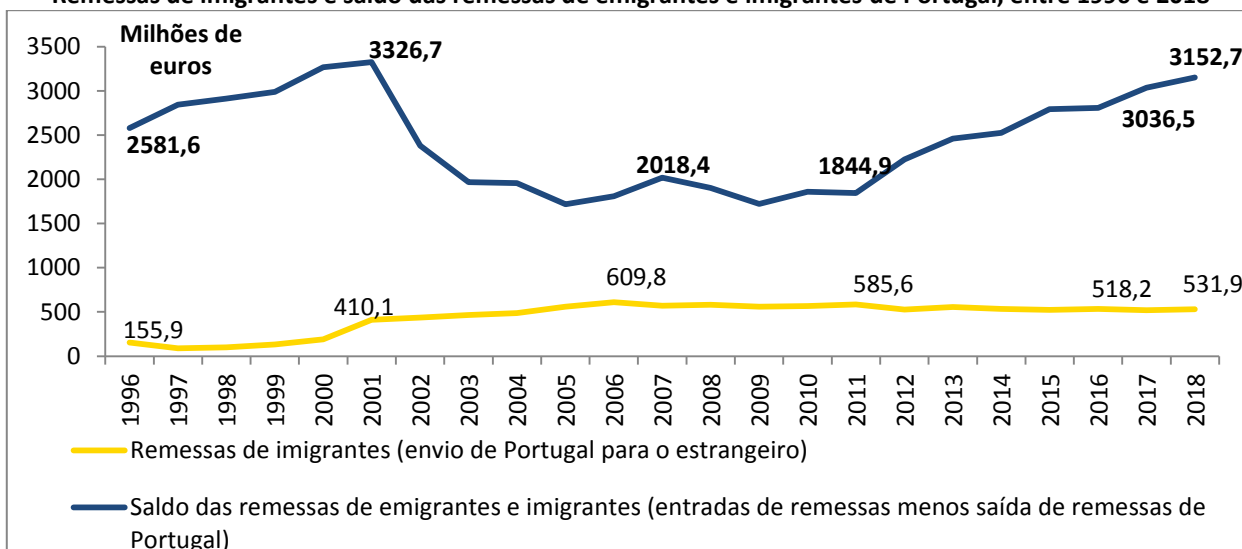
## Destaque Estatístico OM: Fluxos de Remessas em Portugal

**Sabia que** Portugal recebe mais remessas de países europeus, e a saída de remessas do país tem como principais destinos o Brasil e a China?

Adaptado do subcapítulo 14. “Migrações e Remessas”, de C. R. Oliveira e N. Gomes (2018), [Indicadores de Integração de Imigrantes 2018. Relatório Estatístico Anual](#), Coleção *Imigração em Números* do OM, pp. 295-302.

As transferências regulares de salários e de outras remunerações provenientes do trabalho efetuadas por migrantes para familiares, contabilizadas nas *Estatísticas da Balança de Pagamentos*, contemplam os fluxos de remessas de imigrantes residentes em Portugal para os seus países de origem e os fluxos de remessas de emigrantes portugueses para Portugal em milhões de euros. As remessas apenas incluem as transferências dos migrantes que estão (ou pretendem estar) fora do seu país durante mais de um ano, excluindo ainda as transferências realizadas com vista ao investimento ou aplicação em depósitos bem como as prestações sociais. Os dados destas transações económicas de Portugal com o resto do mundo, dos últimos vinte anos (entre 1996 e 2018), mostram sempre **saldos muito positivos na relação das remessas que entram e das remessas que saem do país**: Portugal continua, pois, a ser um país com uma diáspora emigrante importante e ativa no envio de remessas. As remessas que entram no país (dos emigrantes portugueses) continuam a suplantam substancialmente as remessas que saem do país (dos imigrantes residentes em Portugal), representando em 2018 um saldo de +3.152,7 milhões de euros.

Remessas de imigrantes e saldo das remessas de emigrantes e imigrantes de Portugal, entre 1996 e 2018



Fonte: Observatório das Migrações (C.R. Oliveira e N. Gomes, 2019, [Indicadores de Integração de Imigrantes 2019. Relatório Estatístico Anual. Coleção Imigração em Números OM](#)), a partir de dados do Banco de Portugal-Estatísticas da Balança de Pagamentos.

Estes dados permitem, assim, retratar a evolução da imigração e da emigração de Portugal. Em anos de aumento da imigração verifica-se em Portugal um crescimento das remessas que saem do país associadas



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

aos imigrantes residentes (particularmente evidente nos anos da transição para o século XXI: de 2000 para 2001 verifica-se um aumento de 189 milhões de euros para 410,1 milhões de euros, associado à evolução da população estrangeira residente que nesses anos passa de 207,5 mil para 350,9 mil pessoas) e, em contrapartida, em anos de aumento da emigração verifica-se um crescimento das remessas que entram no país e o aumento do saldo das remessas para o país – há mais transferências para o país que a partir do país (especialmente evidente a partir de 2011 com o aumento da emigração e regresso do país a saldos migratórios negativos entre 2011 e 2016).

As **remessas dos imigrantes** residentes em Portugal para os seus países de origem tiveram uma evolução muito positiva desde a viragem do século, tendo atingido o seu pico em 2006, ano em que totalizaram 609,8 milhões de euros. Desde esse ano as remessas dos imigrantes tenderam a diminuir, refletindo a crise económica e a redução do número de residentes estrangeiros no país, o que fez diminuir os montantes das transações económicas de saída de Portugal. De 1996 para 2006 verifica-se um aumento em +291,2% nas remessas saídas de Portugal, enquanto de 2006 para 2018 verifica-se uma diminuição em -12,8% das remessas dos imigrantes. Sem prejuízo desta evolução, observa-se que em 2018 o montante global das remessas de imigrantes para os países de origem foi superior ao ano anterior fixando-se nos 531,9 milhões de euros.

**Saída de remessas de Portugal, por principais países de destino, em 2011 e 2018**

Principais países de destino	2011		2018		Variação 2011-2018 (%)
	Milhões €	%	Milhões de €	%	
Brasil	277,57	47,4	253,59	47,7	-8,6
China	63,64	10,9	54,6	10,3	-14,2
França	20,95	3,6	28,18	5,3	+34,5
Roménia	19,3	3,3	18,73	3,5	-3,0
Cabo Verde	13,32	2,3	18,28	3,4	+37,2
Ucrânia	48,94	8,4	17,34	3,3	-64,6
Espanha	11,83	2,0	13,48	2,5	+13,9
Angola	12,89	2,2	9,79	1,8	-24,0
E.U.A.	7,22	1,2	8,04	1,5	+11,4
Bulgária	4,64	0,8	6,05	1,1	+30,4
Reino Unido	9,74	1,7	5,5	1,0	-43,5
Índia	4,4	0,8	5,23	1,0	+18,9
Rússia	4,22	0,7	4,61	0,9	+9,2
Alemanha	5,66	1,0	4,42	0,8	-21,9
Guiné-Bissau	4,31	0,7	3,27	0,6	-24,1
Outros	77,01	13,1	80,77	15,2	+4,9
<b>Total Geral</b>	<b>585,63</b>	<b>100</b>	<b>531,9</b>	<b>100</b>	<b>-9,2</b>

Fonte: Observatório das Migrações (C.R. Oliveira e N. Gomes, [Indicadores de Integração de Imigrantes 2019. Relatório Estatístico Anual. Coleção Imigração em Números OM](#)), a partir de dados do Banco de Portugal-Estatísticas da Balança de Pagamentos.

Nos fluxos de saída de remessas de Portugal, destaca-se como **principal país de destino das transferências** o país de origem da população numericamente mais representada em Portugal: o Brasil (embora se observe nos últimos anos uma diminuição dos montantes enviados de 277,6 milhões de euros em 2011, para cerca de 253 milhões em 2018). O segundo país com maior importância nas remessas dos imigrantes é



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

a China (10,3% das remessas dos imigrantes em Portugal em 2018), embora a população chinesa residente corresponda apenas à quinta população numericamente mais representada nos residentes estrangeiros em Portugal e só traduzam 5% do total de estrangeiros residentes.

Nos últimos anos observam-se algumas mudanças na ordenação dos países de destino dos fluxos de remessas e nos montantes remetidos. Se, por um lado, é notório o crescimento desde o início da década das remessas com destino a Cabo Verde (+37% de remessas de 2011 para 2018), França (+35% de 2011 para 2018), Bulgária (+30% de 2011 para 2018), Índia (+19%), Espanha (+14%), Estados Unidos da América (+11%) e Rússia (+9%), esta tendência não é extensível a todos os países, observando-se quebras no envio de remessas em diversos países: para a Ucrânia (-65% em 2018 face a 2011), Reino Unido (-44%), Guiné-Bissau e Angola (-24%), Alemanha (-22%), China (-14%), Brasil (-9%) e Roménia (-3% de remessas em 2018 por comparação a 2011).

À ordenação dos países, em função do volume de remessas enviadas para os países de origem em milhões de euros, não é alheia a inserção no mercado de trabalho das diferentes populações imigrantes em Portugal e os respetivos rendimentos e remunerações médias. As remessas assumem-se como uma prática habitual dos imigrantes na sua relação com o país de origem, correspondendo a transferências privadas muito dependentes dos ganhos que os imigrantes conseguem obter na sociedade de acolhimento ([Oliveira e Gomes, 2018: 301](#)). Para o crescimento ou quebra no envio de remessas para os países de origem dos imigrantes residentes em Portugal muito contribuíram os efeitos da crise económica e do aumento do desemprego entre a população imigrante, especialmente entre 2010 e 2014. Os últimos anos mostraram sinais de inversão e melhoria em diferentes indicadores de integração dos imigrantes ([Oliveira e Gomes, 2018](#)), o que induziu simultaneamente a um aumento da capacidade destas populações imigrantes remeterem remessas para os seus países de origem ([Oliveira e Gomes, 2018: 301](#)).

Por sua vez nas **remessas que Portugal recebe da sua diáspora**, continuaram a ser os trabalhadores portugueses residentes em França os que se destacam no envio de remessas para o país, tendo remetido cerca de 1.133 milhões de euros em 2018, verificando-se nos últimos anos um crescimento substantivo das remessas da França para Portugal: +28% que o verificado em 2014 e +31% que em 2011. Na lista dos países com mais transferências para Portugal, em 2018, constam ainda a Suíça (899 milhões), o Reino Unido (344 milhões), os Estados Unidos da América (254 milhões), a Alemanha (243 milhões de euros) e Angola (223 milhões, passando da posição de terceiro lugar que ocupava em 2014 para sexto lugar). Face a 2014, nos dois últimos anos verifica-se alguma mudança na ordenação destes países de onde os emigrantes portugueses enviam mais remessas, refletindo a revitalização e mudança mais recente dos destinos de alguns dos fluxos emigratórios de portugueses: a Suíça manteve o segundo lugar nesta lista, e apresentou de 2014 para 2018 uma subida no volume de remessas para Portugal (de 813 milhões em 2014, o país recebeu em 2018 mais 87 milhões de euros); as remessas vindas do Reino Unido também ganharam importância nos últimos anos (de 202 milhões em 2014, passaram a chegar deste país 344 milhões em 2018), verificando-se igualmente um crescimento no caso das transferências com origem na Alemanha (de 196 milhões de euros em 2014, passam para 243 milhões em 2018). Neste grupo de países é Angola que mais perde importância, apresentando diminuições efetivas no volume de remessas para Portugal: de 248 milhões em 2014, passam para 223 milhões em 2018.



[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

## Agenda

4/6



### Feira do Livro OM

A Feira do Livro de Lisboa não está só no Marquês de Pombal: **venha ter connosco à Feira do Livro OM nos Anjos** (Rua Álvaro Coutinho, 14, em Lisboa, entre as 09h30 e as 16h30)! Até dia 14 de junho o OM oferece as suas Coleções completas aos visitantes do [Centro de Documentação](#). Descubra [aqui](#) as coleções que estarão em destaque em cada dia:

- 4 de junho:** Coleção OM do Dia – [Coleção Portugal Intercultural](#)
- 5 de junho:** Coleção OM do Dia – [Coleção Comunidades](#)
- 6 de junho:** Coleção OM do Dia – [Coleção de Teses](#)
- 7 de junho:** Coleção OM do Dia – [Coleção Cadernos](#)
- 11 de junho:** Coleção OM do Dia – [Revista Migrações](#)
- 12 de junho:** Coleção OM do Dia – [Coleção Estudos OM](#)
- 14 de junho:** Coleção OM do Dia – [Coleção Imigração em Números](#)

11/06

### Quinzena Temática OM no Centro de Documentação



O Observatório das Migrações (OM) promove no Centro de Documentação do ACM,IP, entre os dias 11 e 21 de junho de 2019, uma quinzena temática acerca de **Migrações e remessas familiares** para assinalar o *Dia Internacional das Remessas Familiares* (16 de Junho), convidando tod@s @s interessad@s a visitarem-nos no Centro Nacional de Apoio à Integração de Migrantes (CNAIM) do ACM, IP, na [Rua Álvaro Coutinho, 14, em Lisboa, entre as 09h30 e as 16h30](#). Publicações relevantes das *Coleções* do OM, entre outras referências bibliográficas do acervo do Centro de Documentação, e dados oficiais acerca do tema, sistematizados e





[www.om.acm.gov.pt](http://www.om.acm.gov.pt) / [om@acm.gov.pt](mailto:om@acm.gov.pt)

analisados pela Equipa do OM, estarão disponíveis para **consulta e oferta**. Será lançado o mais recente [Poster Estatístico OM](#) acerca de Migrações e Remessas. Não perca! Saiba mais sobre esta edição das Quinzenas Temáticas OM [aqui](#).

25

24/6



### 15.ª Escola de Verão sobre Migrações

De 24 de junho a 5 de julho de 2019 terá lugar na Universidade de Florença a 15.ª Escola de Verão do Centro para as Políticas Migratórias (MPC). O público-alvo são estudantes de pós-graduação, funcionários públicos, funcionários de organizações internacionais, representantes de ONG ou outras organizações da sociedade civil, jornalistas, analistas políticos, e professores de todo o mundo. Mais informações acerca deste curso [aqui](#).

8/7



### Escola de Verão "Migrantes, refugiados e gestão migratória - A Europa e os outros"

De 8 a 13 de julho de 2019 terá lugar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa uma Escola Verão FCSH 2019 que integra o tema "Migrantes, refugiados e gestão migratória". O curso, organizado pelas professoras Susana Ferreira e Teresa Rodrigues, cobrirá tópicos como a chamada crise migratória europeia ou o modelo de gestão integrada de fronteiras da UE. Mais informações acerca deste curso [aqui](#).